

**ELISÂNGELA DIAS DA SILVA**



**O DESENHO NO PROCESSO DE ENSINO-APRENDIZAGEM NA EDUCAÇÃO  
INFANTIL**

**Especialização em Ensino de Artes Visuais**

**CORINTO**

**2011**

**ELISÂNGELA DIAS DA SILVA**

**O DESENHO NO PROCESSO DE ENSINO-APRENDIZAGEM NA EDUCAÇÃO  
INFANTIL**

**Especialização em Ensino de Artes Visuais**

Monografia apresentada ao Curso de Especialização em Ensino de Artes Visuais do Programa de Pós-graduação em Artes da Escola de Belas Artes da Universidade Federal de Minas Gerais como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista em Ensino de Artes Visuais.

Orientador(a): Eliette Aparecida Aleixo

**CORINTO**

**2011**

Silva, Elisângela Dias.

O desenho no processo de Ensino-Aprendizagem na Educação Infantil: Especialização Em Ensino de Artes Visuais / Elisângela Dias da Silva - 2011

33 f.

Orientador (a): Eliette Aparecida Aleixo

Monografia apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Artes da Escola de Belas Artes da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial à obtenção do título de especialista em Ensino de Artes Visuais.

1. Artes visuais – Estudo e ensino I. Aleixo, Eliette Aparecida  
II. Universidade Federal de Minas Gerais. Escola de Belas Artes  
III. Título.



**Universidade Federal de Minas Gerais**  
**Escola de Belas Artes**  
**Programa de Pós-Graduação em Artes**  
**Curso de Especialização em Ensino de Artes**  
**Visuais**

Monografia intitulada *O desenho no processo de ensino-aprendizagem na educação infantil*, de autoria de Elisângela Dias da Silva, aprovada pela banca examinadora constituída pelos seguintes professores:

---

Orientador(a): Eliette Aparecida Aleixo

---

Membro da Banca: Kleumanery de Melo Barbosa

---

Prof. Dr. Evandro José Lemos da Cunha  
Coordenador do CEEAV  
PPGA – EBA – UFMG

Belo Horizonte, 2011

Dedico este trabalho de conclusão do curso de Especialização em Ensino de Artes Visuais aos meus pais, irmãos, familiares, amigos e professores que de muitas formas me incentivaram e ajudaram para que fosse possível a concretização deste trabalho.

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço primeiramente a Deus pelo dom da vida.

Aos meus pais, pelo amor incondicional e pela paciência. Por terem feito o possível e o impossível para me oferecerem a oportunidade de estudar acreditando e respeitando minhas decisões e nunca deixando que as dificuldades acabassem com os meus sonhos, serei imensamente grata.

Aos meus irmãos, que mesmo inconscientemente me incentivaram a correr atrás dos meus objetivos, agradeço de coração.

Aos amigos do curso pela amizade e por ajudar a tornar a vida acadêmica muito mais divertida.

Aos tutores e professores, pelo empenho, paciência e credibilidade, obrigada por tudo.

Desenhar é desenhar-se a si próprio.  
Ninguém desenha sem desenhar-se a  
si mesmo, querendo ou “sem querer”.

(Luís Camargo)

## RESUMO

Este trabalho tem por objetivo compreender a relevância da arte para o desenvolvimento infantil, conhecer a relação que as crianças estabelecem entre arte e desenho e o que pensam alguns teóricos sobre a importância do desenho. O trabalho buscou definir o que é arte analisando seus elementos constitutivos, desde os primórdios dos tempos, quando surgiram os primeiros registros na caverna, a trajetória do ensino da Arte no Brasil até os dias atuais e a concepção do desenho infantil. Destacou ainda o conhecimento das etapas do desenvolvimento gráfico da criança e sua relação com a evolução do desenvolvimento humano. Por fim, procurou-se descrever a maneira como as crianças desenhavam, como começam e como se desenvolvem. A partir do exposto chegou-se a conclusão de que o desenho infantil deve ser estimulado, não com a intenção de ensinar técnicas para as crianças, mas pelo fato de ser um importante processo de aprendizagem. É a oportunidade dela se expressar, de expor de forma concreta suas ideias e sentimentos, pois à medida que a criança desenha, ela aprende, se organiza e concretiza seus pensamentos. Ao mesmo tempo em que lhe dá autoconfiança por estar construindo e se expressando livremente.

Palavras-chave: Arte. Desenho. Criança. Educação.



## SUMÁRIO

Introdução.....	10
1.Arte e desenho.....	12
1.1. O desenho.....	12
1.2. O Ensino de Arte no Brasil.....	13
2.O desenho como experiência artística.....	15
2.1. O desenho infantil.....	16
2.2. Como as crianças desenhavam.....	17
2.3.Estágios do desenvolvimento gráfico da criança.....	19
3.Desenho no contexto escolar.....	27
3.1. A importância do professor no processo do desenvolvimento gráfico infantil.....	29
Considerações finais.....	31
Referências.....	33

## **Introdução**

Este trabalho tem por objetivo analisar a importância da arte na vida da criança, considerando que propostas artísticas podem estimular a criança a desenvolver-se cognitivamente, afetivamente, socialmente e esteticamente. Esta proposta nasceu da importância de conhecer melhor o fazer artístico no cotidiano da criança uma vez que a arte é uma forma importante de expressão e comunicação humana, o que, por si só, justifica sua presença no contexto da educação.

Inicialmente será abordado a necessidade de compreender a arte como conhecimento, que envolve os aspectos cognitivo, sensível e cultural, conhecimento este presente na vivência do homem, desde a Pré-História.

No primeiro capítulo é ressaltado sobre a condição do desenho no ensino de arte no que se refere à organização, metodologia e didática, além da legalidade desta disciplina com a nova LDB em detrimento da disciplina Educação Artística reconhecida como área do conhecimento e a formulação dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) em 1998. Os PCNs/Arte estabeleceu a importância da arte na formação e desenvolvimento de crianças e jovens, inserindo-a como componente curricular obrigatório da educação básica, representando assim um avanço no reconhecimento oficial da disciplina Arte como uma área de conhecimento. Ainda neste capítulo é destacado a importância do desenho infantil na vida da criança, considerando seus experimentos e sua capacidade imaginativa, o que provavelmente amplia sua forma de pensar o mundo no qual está inserida. No caso do desenho, percebe-se que a criança manifesta a representação, muitas das vezes, do medo, da opressão, da alegria, da curiosidade, da afirmação e negação, ou seja, sua maneira de ver, sentir e viver.

No segundo capítulo tenta-se refletir sobre a condição do desenho como forma de linguagem, analisando o desenho como foco da proposta do ensino formal, muito pela importância que adquire para o desenvolvimento das habilidades relacionadas à apreensão do sistema de escrita enquanto sistema simbólico. É destacado também a representação gráfica, ou seja, os estágios do desenvolvimento gráfico das crianças, fazendo um paralelo com as etapas da alfabetização.

Por fim o terceiro capítulo destacará a concepção do desenho das crianças como forma de expressão e formulação de conceitos construídos com relação a determinados objetos, pessoas e experiências.

## 1. Arte e Desenho

A arte é um conjunto de conhecimentos e procedimentos utilizados para realizar produções artísticas variadas, onde aplicamos tantos outros conhecimentos. É um processo criativo que envolve as manifestações culturais e valores estéticos (beleza, harmonia, sentimentos, emoções). Sempre esteve presente na história da humanidade, manifestando-se sob variadas formas como: as artes plásticas, a música, o cinema, o teatro, a dança, a arquitetura, além das mídias contemporâneas. Pode ser vista ou percebida pelo homem de três maneiras: visualizadas, ouvidas ou mistas (audiovisuais). Hoje alguns tipos de arte permitem que o apreciador também participe da obra.

Dentre as Artes Plásticas encontramos o desenho, cuja história se confunde com a história do próprio homem. Nas cavernas ficaram gravados, por meio de desenhos, os hábitos e experiências dos primitivos “homens das cavernas” que usavam pinturas rupestres como forma de se expressar e comunicar antes mesmo que se consolidasse uma linguagem verbal. Ao longo dos séculos, o desenho passou a ser utilizado cada vez mais e de formas diferentes, a ponto de ser até mesmo, um precursor da linguagem escrita.

### 1.1- O Desenho

O desenho ilustrou templos sagrados e tumbas, como dos egípcios, onde se vê relatada, as histórias da vida cotidiana e mesmo da vida após a morte. Também representou os deuses mitológicos gregos, como conduziu navegantes por mares desconhecidos. Dessa forma, desde os primórdios, a arte de desenhar acompanhou o homem durante todo seu desenvolvimento fazendo parte de sua história.

“O homem que desenhou um bisão numa caverna pré-histórica, teve que aprender de algum modo, seu ofício. E, da mesma maneira, ensinou para alguém o que aprendeu. Assim, o ensino e a aprendizagem da arte fazem parte, de acordo com as normas e valores estabelecidos em cada ambiente cultural do conhecimento que envolve a produção artística em todos os tempos. No entanto, a área que trata da educação escolar em artes tem um percurso relativamente recente e coincide com as transformações educacionais que caracteriza o século XX em várias partes do mundo.” (Parâmetros curriculares nacionais. 2. Arte : Ensino de primeira à quarta série. 1997)

## 1.2 - O Ensino da Arte no Brasil

No Brasil, foi a partir de 1816 que verificou-se uma visão de Arte com ênfase no desenho, caracterizado nesta época por um ensino autoritário, focado na valorização do produto e no professor como único e absoluto detentor do conhecimento. Era utilizado a metodologia da igualdade, ou seja, uso de modelos e cópias idênticos. Toda a classe apresentava o mesmo desenho e o único objetivo era que seus alunos tivessem uma boa coordenação motora, que aprendesse técnicas, precisão, adquirissem hábitos de limpeza e ordem dos trabalhos. Importante ressaltar que a atividade artística não era incluída nas escolas elementares públicas.

A organização do ensino de arte aconteceu primeiro no nível superior e posteriormente nos níveis primário e secundário. No século XX já existia uma preocupação com o Ensino de Arte, que era representada basicamente pelo desenho nesta época. Mas, a implantação da disciplina de Arte e sua obrigatoriedade só ocorreram na segunda metade desse século, a partir das ideias de Rui Barbosa e da divulgação do ideário positivista. A partir daí a arte conquista um novo lugar na educação, onde há uma valorização do desenho infantil como objeto para o estudo cognitivo.

A partir de 1920 verifica-se uma metodologia e didática centrada no aluno, onde as aulas de Arte se orientam através da expressão e valorização da criatividade do trabalho do aluno. O ensino de arte conquista mais espaços fora da escola. A partir de 1970 a tendência tecnicista fundamentada na superficialidade e sem foco no conhecimento entra para o currículo obrigatório do Ensino Fundamental. Nas escolas a arte ocupa o lugar de atividade, lazer ou relaxamento e “deixar fazer”, o que pouco se acrescenta no processo de aprendizagem de arte.

Ainda é comum que essas aulas sejam confundidas com lazer, terapia, descanso de um horário para o outro, ornamentação da escola, passatempo, decoração para festas e datas comemorativas. Também incluía atividades como preencher desenhos, pontilhar coloridos mimeografados, confeccionar presentes, memorizar músicas e ilustrar as mesmas.

De acordo com a LDBN (Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional nº9.394), aprovada em 20 de dezembro de 1996, refere em seu artigo 26, parágrafo 2º:

“O ensino da arte constituirá componente curricular obrigatório, nos diversos níveis da educação básica, de forma a promover o desenvolvimento cultural dos alunos.” (p.30)

Com a nova LDBN, o Ensino de Arte é legalizado como disciplina, e incluído na grade curricular como as demais disciplinas do ensino fundamental, agora reconhecida como área do conhecimento. A formulação dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) em 1998, que estabelece a importância da Arte na formação e desenvolvimento de crianças e jovens, inserindo-a como componente curricular obrigatório da educação básica, representou um avanço no reconhecimento oficial da Arte como conhecimento. De acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) de Arte:

“São características desse novo marco curricular as reivindicações de identificar a área por arte (e não mais por Educação Artística) e de incluí-la na estrutura curricular como área com conteúdos próprios ligados a cultura artística e não apenas como atividade.” (p.30)

Estas propostas, além de legalizar o Ensino de Arte na escola, legitimam sobre a importância deste conhecimento, que engloba criação e produção, percepção e análise. Dessa forma, o planejamento curricular desta disciplina necessita, em primeiro lugar, estar em consonância com os contextos culturais e de vivências estéticas dos alunos, apesar das particularidades de cada um. Porém essa legislação não foi incorporada na prática cotidiana da maioria das escolas, que deveriam reconhecer a Arte como área do conhecimento, bem como a compreensão da arte como elemento fundamental na formação humana.

Contudo, mesmo o mais contemporâneo conteúdo de curso não irá garantir o tipo de avanço que almejamos como educadores, se não for implementado por procedimentos adequados em sala de aula. Segundo Lanier (1984, p.52),

“Se reduzirmos o currículo de arte ao bordado, produção de filme, ou vídeo-tapes, desenho ou recriação de espaços urbanos, produção de história em quadrinhos, enfim desenvolvendo todas essas atividades de ateliê que são apreciadas pelos professores o mais provável é que nossos alunos estarão essencialmente condicionados ao crescimento que poderíamos provocar nele.”

## Capítulo 2 - O desenho como experiência artística

Este capítulo tem por objetivo evidenciar sobre a importância do desenho no contexto escolar formal, considerando sua presença junto ao desenvolvimento das habilidades relacionadas à apreensão do sistema de escrita. A criança vivencia, experimenta e apreende o mundo por meio de diferentes formas de interação com o outro e com os objetos. O uso de diferentes linguagens é o que lhe permitirá comunicar-se e compreender ideias, sentimentos e a organizar seu pensamento. O desenho é uma forma de expressão que lhe permite o acesso aos símbolos e signos culturais, como também a possibilidade de construção de novos símbolos e signos que orientarão seu comportamento, sua maneira de ver, sentir e viver. Na medida em que crescem, as crianças experimentam agrupamentos, repetições e combinações de elementos gráficos, inicialmente soltos e com uma grande gama de possibilidades e significações, e, mais tarde, circunscritos a organizações mais precisas. Apresentam cada vez mais a possibilidade de exprimir impressões e julgamentos sobre seus próprios trabalhos.

No início, a criança trabalha com a hipótese de que o desenho serve para imprimir tudo o que ela sabe sobre o mundo e esse saber está relacionado a algumas fontes, como a análise da experiência junto a objetos naturais (ação física e interiorizada); o trabalho realizado sobre seus próprios desenhos e os desenhos de outras crianças e adultos; a observação de diferentes objetos simbólicos do universo circundante; as imagens que cria. No decorrer da simbolização<sup>1</sup>, a criança incorpora progressivamente regularidades ou códigos de representação das imagens do entorno, passando a considerar a hipótese de que o desenho serve para imprimir o que se vê. O desenvolvimento progressivo do desenho implica mudanças significativas que, no início, dizem respeito à passagem dos rabiscos iniciais da garatuja para construções cada vez mais ordenadas.

---

<sup>1</sup> Ato ou efeito de simbolizar; representar por símbolos; sintetizar.

## 2.1 - O Desenho Infantil

A vivência da criança leva-a a apreender o mundo por meio de diferentes formas de interação com o outro e com os objetos. Quando a criança desenha ou cria objetos, ela experimenta sua capacidade imaginativa, ampliando sua forma de pensar o mundo no qual está inserida. No caso do desenho, ela manifesta a representação, muitas das vezes, do medo, da opressão, da alegria, da curiosidade, da afirmação e negação, ou seja, sua maneira de ver, sentir e viver.

Sendo o desenho uma manifestação simbólica, que tem uma relação com o gesto, tendo origem na fixação do gesto no papel, a criança ao desenhar se deslumbra com uma ilustração ou desenho, ao perceber que tudo o que é visto exteriormente pode ser representado.

A arte infantil mostra autonomia e espontaneidade da criança em expressão, evidenciando traços que demonstram o lugar e a época em que vive, sofrendo influência, claro, do seu contexto social.

De acordo com Frederico Moraes (2005), desenho:

“É tudo. Ou quase tudo. Qualquer coisa- linha, traço, rabisco, garatuja, mancha, borrão, pincelada, corte, recorte, dobra, ponto, retícula, signos linguísticos e matemáticos, fórmulas científicas, logotipos, assinaturas, datas, dedicatórias, cartas, costura, bordado, rasgaduras, colagens, decalques, esfregaduras, carimbos.” (p.18)

O significado de desenho vai além do âmbito artístico, podemos desenhar imaginando figuras e cenas e dar formato aos nossos pensamentos, utilizando de lápis, papel, graveto ou o próprio dedo, no chão ou na areia. Não há limite para expressar nossas ideias através dos desenhos.

Nesse sentido, é importante considerar a imagem criadora, que se torna complexa. Cada um tem uma visão do contexto social, representando desta forma visões diferenciadas em suas produções. Vygotsky aborda que, quanto mais interação, experimentação, mais se envolve e aprende. Assim mais produtividade se obterá por meio de atividades de sua imaginação.

Conforme afirma Herbert Read (1996, p.73)

“A criança tem a mente repleta de imagens extremamente vividas. Assim, cada criança representa de um modo o mundo, com seu desenvolvimento mental e emocional. Se considerarmos duas crianças da mesma idade realizando uma mesma proposta de desenho, com o foco, por exemplo, na mesma figura humana, percebe-se que inevitavelmente



obteremos dois desenhos diferentes, pois se deve levar em conta os fatores emocionais, afetivos e socioculturais que certamente influenciam cada uma delas.”

A criança, próxima dos 4 anos de idade, desenha a figura humana mais completa, com cabeça, tronco, membros definidos com pé e mão. Esta figura aos poucos se torna mais elaborada, com mais detalhes que, de uma forma ou de outra, influenciará os próximos desenhos. O desenho da figura humana é a fundamentação da representação de todas as demais estruturas de produção futuras. Quando a criança desenha, está em profunda construção de conhecimento e aprendizado, estruturando suas ideias, exercitando sua ação e seu pensamento.

Nesta perspectiva, a criança vai descobrindo que os traços feitos por ela têm um significado. No momento que tem o domínio do gesto, percebe que há uma ligação entre o gesto e a marca deixada no papel. Todas as suas ações têm uma intenção, como afirma o teórico Wallon (1968):

“(...) ao se realizar, [o rabisco] torna-se para a criança um objeto entre outros e um objeto privilegiado, porque é o objeto em vias de ser criado pela própria criança. O rabisco individualiza-se, condensa-se em alguma coisa que se destaca sobre um fundo. O rabisco ocupa um lugar que o gesto da criança pode tender a dilatar ou a concentrar ou mesmo modificar, pois acontece que a criança se afasta de um primeiro rabisco para justar-lhe um outro. Assim se realizam distribuições diversas, no espaço em que cada parte pode reagir mais ou menos sobre as outras.” ( p.196)

De acordo com Vygotsky (1989) a representação por gestos e a representação no desenho, resulta de uma simbologia e grafia. A criança constrói seu conhecimento em destaque no desenho, por meio da relação e da interação social. Assim desenhar é deixar a imaginação ir além dos pressupostos, é produzir no real a arte em vida.

## **2.2 - Como as crianças desenhavam**

As crianças têm pouca ou nenhuma dificuldade em fazer uma figura humana convencional se todas as partes do corpo foram fornecidas já prontas e facilmente identificáveis. Sabem que partes selecionar e onde colocar cada uma.

Quando a criança desenha, ela não seleciona necessariamente esquemas separados e distintos para cada um dos principais segmentos do

corpo, e não inclui necessariamente todos os segmentos. Desenhistas convencionais produzem esquemas separados para representar ao menos seis partes fundamentais do corpo: a cabeça, tronco, dois braços e duas pernas. As crianças produzem menos formas para representar as mesmas partes; o tronco e a cabeça ou o tronco e as pernas podem estar combinados em uma forma mais global; algumas partes, como os braços, podem ser completamente omitidas.

Se ditarmos as partes do corpo enquanto as crianças desenhavam, elas as incluíam, mas não as localizavam necessariamente nos lugares convencionais. A barriga pode estar dentro da região da “cabeça” e os braços talvez colocados no que parece ser a cabeça. Mesmo quando lhes mostramos como desenhar cada parte e onde ela se ajusta no conjunto da figura, parecem relutar em abandonar sua forma convencional. Esta evidentemente lhes tem servido bem.

Em certo ponto, no entanto, eles começam a progredir. Isso pode ser, em parte, uma reação a críticas dos outros, porém é mais provável que seja uma ação decisiva e pessoal em busca de melhores formas de representação.

Até aproximadamente os doze anos de idade, as crianças acrescentam pouco a pouco mais detalhes a seus desenhos da figura humana. Em geral, o desenvolvimento vai do desenho de um limite distinto para cada parte do corpo até o traçado de um contorno para a figura inteira. Problemas de planejamento podem resultar em certas partes da figura, a cabeça, por exemplo, se apresente de forma desproporcional e figuras de proporções mais realistas não são desenhadas pela maioria das crianças até pelo menos os oito anos de idade. As primeiras figuras são um tanto rígidas e estereotipadas e servem para representar tanto animais quanto seres humanos. Pode-se, entretanto, persuadir as crianças a alterar suas figuras de modo a mostrarem movimento e ação. Na verdade, pode ser que seu interesse posterior em representar ação realmente facilite o surgimento de figuras de perfil.

O modo com que cada parte do corpo é representada reflete o estilo individual de cada criança, mas as crianças são também influenciadas pelo estilo local usado por outras crianças e adultos da comunidade. É interessante que, enquanto as crianças parecem proteger-se em seu próprio estilo particular de desenhar a figura humana, os mais velhos que fazem desenhos convencionais estão mais abertos à influência de outros. Tendo descoberto que linhas únicas e formas fechadas podem ser usadas para representar diversas

partes do corpo, a criança mais velha começa a pensar sobre que formas entre as muitas possibilidades são mais adequadas para as várias partes do corpo. As soluções adequadas são mais variadas para certas partes do corpo do que para outras, e a criança pode experimentar sozinha e também se interessar por soluções de outras pessoas para os mesmos problemas.

Crianças pequenas têm uma meta comum quando representam objetos na posição canônica: desenhá-las de tal modo que se possa ver claramente o que devem ser. O fato de que crianças pequenas geralmente façam vistas canônicas em seus desenhos espontâneos, mesmo quando isso contraria o que elas estão realmente vendo, não se deve necessariamente a alguma incapacidade cognitiva.

Elas na verdade reconhecem que os objetos podem ser vistos de diversos ângulos e mostrados de modos mais realistas, mas nem sempre veem necessidade de fazê-los assim. Afinal, para desenhar um objeto exatamente como é visto talvez se precise sacrificar alguns de seus detalhes cruciais e determinantes, tornando-o assim menos facilmente reconhecível, ou até mesmo ambíguo.

Diversos estudos têm demonstrado que, em certas circunstâncias, crianças pequenas de até mesmo quatro anos modificam seus esquemas numa tentativa de desenhar o que elas veem. Sabemos que em certo ponto as crianças querem fazer desenhos mais realistas e que, se lhes é dado um modelo, tentarão desenhar o que veem ainda que não tenham muito êxito. Na verdade, podem se sentir bastante frustradas por não conseguir apreender a forma com que o modelo se mostra. Essa mudança em direção ao realismo visual, na maioria das crianças, ocorre entre os oito e nove anos de idade. É pouco comum ver um desenho espontâneo feito por uma criança de seis ou sete anos mostrando um determinado ponto de vista.

Não sabemos ao certo por que muitas crianças ficam insatisfeitas com suas tentativas. Uma explicação é que a pressão e a crítica alheias as fazem mais autocríticas e desencadeiam um desejo de mudança.

### **2.3 Estágios do desenvolvimento gráfico da criança**

As crianças têm necessidade de desenhar e, desde o final do século XIX, muitos teóricos têm se dedicado a entender suas representações. Como o

grafismo infantil é uma das formas de expressividade da criança, é importante para a práxis do educador conhecer as etapas do desenvolvimento gráfico infantil.

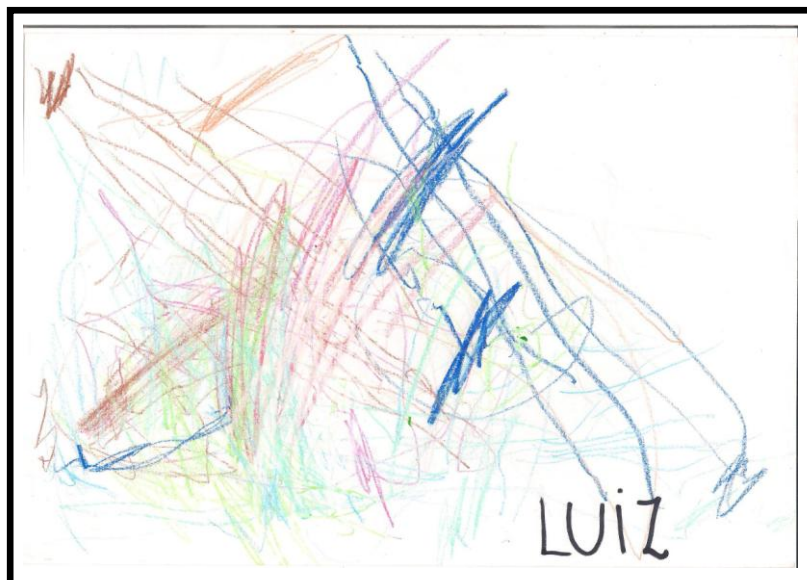
O desenho ajuda a criança a compreender o caráter da representação que é uma manifestação simbólica que tem uma estreita relação com o gesto. A representação gráfica tem origem na fixação do gesto no papel. A criança aos poucos vai compreendendo que aquilo que ela vê no mundo exterior pode ser representado graficamente.

Muitos pedagogos, psicólogos e arte educadores buscaram melhor conhecer e entender, sob diferentes enfoques, a estética do grafismo infantil. Dentre eles, podemos citar, por exemplo, Jean Piaget, Georges-Henri Luquet, Lev Vygotsky, Viktor Lowenfeld e William Brittain.

Esses estudiosos do grafismo infantil, sem exceção, reconhecem haver determinadas fases, etapas ou períodos que são comuns ao sujeito em seu processo de apropriação do desenho enquanto sistema de representação. Desta forma, este capítulo apresenta uma síntese sobre o desenvolvimento gráfico da criança. Os nomes dados a essas etapas do desenvolvimento gráfico infantil são baseados nas concepções dos teóricos Piaget (1975), Luquet (1969) e Lowenfeld e Brittain (1983).

Tanto para Luquet como também para Piaget, na passagem de um nível a outro, certos elementos se mantêm e outros se transformam, não há só um acréscimo de novos conhecimentos adquiridos em um nível anterior e sim uma reestruturação destes conhecimentos no novo nível para poder integrar o que o nível anterior não conseguiu ainda efetivar. As fases propostas por Luquet não têm um paralelo direto com a idade da criança, mas dependem das suas interações com o objeto de conhecimento.

É desejável que a criança entre um ano e um ano e meio de idade já manuseie papéis grandes e lápis, de preferência o gizão de cera para fazer seus primeiros registros gráficos. Ela ainda não percebe que é o lápis que risca o papel, pois para ela o importante são os gestos, os movimentos, os sons, as sensações do giz deslizando no papel e a exploração dos materiais. Esta fase é chamada por Viktor Lowenfeld de Rabiscção (0 a 2 anos). O desenho é totalmente involuntário, os movimentos são desordenados, mas proporcionam prazer. O prazer está no som do giz deslizando no papel, por meio do gesto e o movimento do braço.



Rabiscação -Desenho de Luiz, 2 anos (maternal) cedido pela autora

A criança utiliza a cor apenas pelo simples prazer de experimentá-la, sem intenções. Segundo Pillar (1996, p.20):

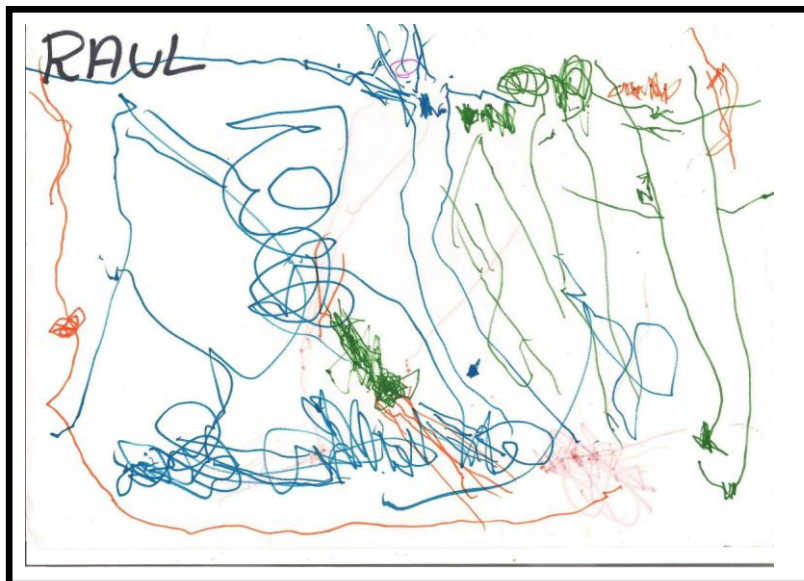
“Estas operações de partir do todo e subdividi-lo em partes, ou partir das partes e chegar ao todo, se alternam em situações cada vez mais complexas, em que a criança se coloca de acordo com os desafios que o meio lhe proporciona. Recombinando os componentes deste todo, a criança experimenta uma variedade de formas”.

Processo análogo ocorre em relação à conceituação da escrita e da leitura como formas de representação. Em linhas gerais, as primeiras tentativas da criança em escrever (nível pré-silábico) estão desvinculadas da correspondência entre grafemas (representação gráfica) e fonemas (representação sonora); a criança associa o tamanho dos objetos com o tamanho da palavra ou com o número de letras desta. Por exemplo, ela acha que a palavra boi, deve ter muito mais letras que realmente tem, pois se trata de um animal grande, já borboleta, deve ter poucas letras, pois é pequena; letras e números são a mesma coisa; ela pensa que só pode escrever. Depois de um certo tempo, a criança procura identificar uma palavra pela sua inicial e só a inicial basta para representá-la.

Esta fase é denominada de Garatuja pelo teórico Lowenfeld. As garatujas se classificam em três categorias: garatuja desordenada, garatuja controlada e garatuja intencional.

A garatuja desordenada ainda é muito parecida com a etapa anterior da rabiscação. As crianças fazem muitos ensaios repetidos, treinos, até que

começam surgir pequenas células ou pequenos círculos ainda sem intenção, significado ou expressão. É o movimento circular feito com todo o braço que está sendo explorado e que varia de tamanho de um pequeno ponto até o círculo que ocupa a folha toda.



Garatuja Desordenada – Desenho de Raul, 3 anos (maternal) cedido pela autora

Na garatuja controlada, o desenho começa representar coisas da realidade e o mesmo deixa de ser uma simples expressão motora; é quando em geral surgem as figuras humanas. Os membros não obedecem a posição correta, pois em geral saem das orelhas ou do pescoço. Primeiro as crianças desenham os braços, depois as pernas, os dois como se fossem palitos. No rosto desenham os olhos e a boca, que parecem, geralmente, caricaturas alegres. Depois vêm os cabelos e o nariz. O desenho das orelhas só aparece mais tarde, quando a criança assimila sua função e importância. A garatuja controlada ocorre quando a criança descobre que existe uma intenção, uma ligação, entre seus movimentos e os traços que faz no papel.



Garatuja Controlada – Desenho de Pedro Augusto, 3 anos (maternal) cedido pela autora

Na garatuja intencional além da figura humana, surgem outros desenhos, quase compondo uma cena ainda rudimentar. O desenho parece feito de rabiscos, mas já tem um significado intrínseco. Enquanto desenha, a criança desenvolve narrativas, canta, se movimenta e conta histórias, explicando seus rabiscos de diversas maneiras. Surge também, misturado aos seus desenhos, uma escrita fictícia. É uma imitação de nossa escrita que para as crianças representam uma espécie de magia. Não há proporção entre tamanho e distância. A criança não desenha exatamente o que vê, mas o que, no momento, tem mais valor emocional ou carga afetiva para ela. As omissões, desproporções ou exageros mostram a importância que esses elementos têm dentro da ação. Não usa as cores da realidade, mas aquelas que mais gostam. São comuns os sóis rosas ou azuis e as figuras humanas todas coloridas.

Já neste período, por volta dos 4 anos, a figura humana é mais completa, com cabeça, tronco e membros definidos com pés e mãos. O desenho da figura humana vai, aos poucos, se enriquecendo de detalhes e influenciará também os desenhos futuros. O desenho da figura humana é, portanto, a grande estrutura que fundamenta todas as demais representações gráficas.

Na garatuja intencional, a criança começa a fazer comentários verbais sobre o desenho e passa a dar nome à garatuja. Ela pode dizer que em seu desenho “há um menino correndo”, embora o desenho seja irreconhecível.



Garatuja Intencional – Desenhos de Monica, 4 anos e Miguel, 4 anos (1º Período da Educação Infantil) cedidos pela autora

Pensando no processo de alfabetização, ao passar para o nível silábico, a primeira letra já não é suficiente para se ler uma palavra e a criança faz hipóteses cada vez mais complexas, chegando a necessitar de uma letra para cada sílaba. Esta é a fase dos porquês. Nesta fase a criança adora encher folhas com desenhos: figura humana, carros, aviões, animais, helicópteros, casas, árvores e muitas coisas.

Nesta fase surge o caráter simbólico, da representação. O início do movimento simbólico na arte surge primeiro no tridimensional, com a modelagem. As bolinhas e as cobrinhas confeccionadas nesta fase vão virando objetos. O jogo de faz de conta entra de vez na vida da criança. Nesta fase há o surgimento da “linha base”, da linha do “chão”, onde se apóiam todos os objetos, as paisagens, as pessoas. Isso mostra que a criança também é capaz de relacionar sons e letras, vinculando-as às palavras.



Garatuja Intencional (surgimento da linha base) – Desenho de Priscila, 4anos (1º Período da Educação Infantil) cedido pela autora

Na fase entre cinco e seis anos ocorre a conquista do conceito de forma. Os desenhos revelam um realismo lógico (organização espacial) e descritivo (cheio de detalhes). As figuras agora se relacionam umas com as outras. Muitas outras soluções são criadas, pois as relações espaciais são uma das conquistas mais importantes desse movimento.

Depois da descoberta e das invenções de seus próprios símbolos, a produção da criança é dominada pelo desejo de registrar tudo. Alguns recursos gráficos são utilizados. Assim, notas musicais significam o canto dos pássaros, gotas próximas à cabeça representam suor ou choro. Existe uma preocupação maior em terminar o trabalho e escrever o próprio nome. É o apogeu do desenho infantil, com a presença constante de elementos novos.



No final desta fase, a relação cor/realidade começa aparecer, pois as crianças as conhecem e dominam. Acontece nessa fase a representação num só desenho de vários aspectos impossíveis de serem vistos simultaneamente. As crianças recorrem ao desenho chamado transparência, mostrando o que existe por detrás das paredes como se fosse uma visão de raio x.

No período de 7 a 11 anos ocorre o afastamento do esquema, ou seja, a linha de base e do horizonte se encontram cobrindo o espaço em branco que existia na fase anterior com uma tendência para as linhas realísticas. Há maior rigidez resultante da atitude egocêntrica e da ênfase sobre detalhes como roupas, cabelos etc. Também diferencia meninas e meninos e a cor é utilizada de maneira subjetiva.

Em relação a este período anterior na evolução do grafismo infantil, ocorre um período estacionário, durante o qual o desenho se mantém sem tantos progressos como os que ocorreram até esta fase. Apesar disso, há um avanço em relação ao acabamento e detalhes.. Mas a grande evolução agora é na escrita e é comum aparecerem balões representando conversas entre personagens de seus desenhos ou pequenos textos, que parecem explicar melhor a situação ou ação deles.

Nesta fase, ao procurar simbolizar o objeto de acordo com sua aparência visual, a criança ingressa agora no estágio do realismo visual. Significa que consegue nesta fase, por exemplo, representar situações de opacidade, sobreposição e perspectiva.

Sobre este aspecto, o autor Freeman também afirma que (apud PILLAR, 1996, p.54),

“A criança vai relacionar o conhecimento que possui dos objetos com as convenções gráficas para representar objetos tridimensionais em uma linguagem bidimensional. A criança não desenha o que vê, nem o que conhece ou sente do objeto, mas o que conhece como desenho. Isso aponta para a influência das imagens gráficas no processo de desenho das crianças.”

Fazendo uma analogia com as etapas de alfabetização, no nível silábico-alfabético, ela busca uma correspondência entre som e grafia, representando uma sílaba por uma letra e simultaneamente outra sílaba por todas as suas letras. Só no nível alfabético é que ela consegue estruturar os sistemas de escrita e de leitura na sua cabeça, fazendo corresponder plenamente grafias e fonemas.

Enfim ao comparar os desenhos realizados por crianças da mesma idade, fica claro certas analogias embasadas nas teorias de cada fase do desenho, principalmente na representação da forma. Porém, apenas de modo sumário, pode-se indicar aspectos que aparecem com certa frequência. É relevante observar que, mesmo contendo semelhanças nítidas, isso se processa de modo pessoal, pois sempre prevalece o caráter criativo e expressivo de cada uma. A criança, quando desenha, transpõe graficamente, as interpretações do que observa, do que vê ou mesmo do que relembra (cenários, por exemplo). É assim que, por meio do desenho, a criança cria e recria individualmente formas expressivas, integrando percepção, imaginação, reflexão e sensibilidade, que podem então ser apropriadas pelas leituras simbólicas de outras crianças e adultos.

### 3. Desenho no contexto escolar

Todas as expressões artísticas são vivenciadas pelas crianças como jogo e brincadeiras, mas percebe-se na maioria das discussões teóricas uma maior ênfase dada ao desenho infantil, por sua importância no fazer artístico e seu aspecto lúdico. Derkyk 1994, afirma que:

“A criança desenha, entre outras tantas coisas, para divertir-se. É um jogo onde não existem companheiros, a criança é dona de suas próprias regras. Neste jogo solitário, ela vai aprender a estar só, aprender a ser só. O desenho é o palco de suas emoções, a construção de seu universo particular. O desenho manifesta o desejo da representação, mas também o desenho, antes de tudo, é medo, é opressão, é alegria, é curiosidade, é afirmação, é negação. Ao desenhar, a criança passa por um intenso processo vivencial e existencial.” (p. 50).

Dessa forma, é por intermédio do desenho é que a criança sente sua existência. Tanto o desenho como o jogo, reúnem o aspecto operacional e o imaginário promovendo o projetar, o pensar, o idealizar e a criação imaginária de situações diversas..

Durante a realização de propostas artísticas, principalmente o desenho, a criança brinca, canta, conversa sozinha, desenvolve narrativas, dentre outros; estas ações promovem o desenvolvimento da oralidade, imaginação, criatividade, inventividade e, ainda, propiciam que a criança crie estratégias diante de possíveis imprevistos, faça experimentações, utilize agrupamentos, combinações, construa, reconstrua e resigne a matéria. Essa manipulação de materiais diversos força a criança a pensar, repensar, criar, transformar, provocando-a sempre a experimentar. Diante de materiais artísticos, a criança sente-se convidada a manipulá-la e isso nos remete a Bachelard (1986, p.31), quando afirma que:

“O próprio papel, com seu grão e sua fibra, provoca a mão sonhadora pra rivalidade da delicadeza. A matéria é, assim, o primeiro adversário do poeta da mão. Possui todas as multiplicidades do mundo hostil, do mundo a dominar.”

Por meio de suportes variados, como muro, areia, chão, papel, etc., por sua natureza específica, o desenho possui estratégias específicas de expressar ideias, imagens, signos.

Importante ressaltar que educadores e arte/educadores devem estar atentos em relação ao ensino de técnicas para “aprender a desenhar”. Deve

haver um equilíbrio entre este aprendizado e a expressão da criança, de forma que não iniba sua produção artística dando ênfase, por exemplo, ao uso do material ou mesmo a aprendizagem apenas mecânica de técnicas. A expressão de elementos gráficos por meio de desenhos deve priorizar principalmente o imaginário, além do fator lúdico.

Outra questão importante de ser observada em relação ao desenho é a condição de limites da folha de papel. É fora de propósito exigir limites no espaço físico da superfície a ser desenhada, principalmente para as crianças pequenas, com menos de quatro anos. O autor Mário de Andrade (apud DERDYK, 1994, p. 23), afirmando que “o verdadeiro limite do desenho não implica de forma alguma o limite do papel, nem mesmo pressupondo margens”. Derdyk (1994) reforça esta preposição quando diz ser muito natural para a criança de 18 meses, ao desenhar, se expandir para fora dos limites do papel. Aos poucos, a criança vai percebendo as bordas, as pontas, a existência do campo do papel e, similarmente, percebe o eu e o outro, o que é “meu” e o que é do “outro”. O campo do papel se torna o campo da concretização de suas carências e de seus desejos.

Esta autora comenta ainda sobre a aproximação da criança com o mundo, apropriando-se dele, no ato de desenhar:

“Desenhar não é copiar formas, figuras, não é simplesmente proporção e escala. A visão parcial de um objeto nos revelará um conhecimento parcial desse mesmo objeto. Desenhar objetos, pessoas, situações, animais, emoções, ideias, são tentativas de aproximação com o mundo. Desenhar é conhecer, é apropriar-se.” (DERDYCK, 1994, pg.40).

Quanto aos desenhos prontos para serem coloridos, é fato perceber que não há criação, sem contar que, a maioria deles não apresenta boa qualidade estética. Estes inibem a originalidade e a criatividade da criança; além destes desenhos propiciarem o incentivo à criação de modelos estereotipados.

Dessa forma, é importantíssimo que os educadores responsáveis pela disciplina de Arte ou mesmo outros professores que lidam com o desenho em sala de aula estejam conscientes de alguns fatores que tanto podem auxiliar no desenvolvimento pleno da expressão das crianças quanto podem tolir sua expressividade em suas produções artísticas.

### **3.1- A importância do professor no processo do desenvolvimento gráfico infantil**

Refletir sobre a importância do educador nessas etapas do desenvolvimento da criança é de grande relevância para compreender que a observação é um dos meios que o educador poderá utilizar na construção desse aprendizado para fazer fluir na criança um olhar sensível e crítico. Para isso, ele não poderá agir apenas como facilitador desse processo, permeando informações de natureza mais teórica, o docente deverá desafiar e incentivar, ampliando as experiências, o conhecimento e aprimorando a capacidade de criação e de expressão artística da criança.

Nessa perspectiva o conhecimento das etapas evolutivas do desenho infantil fornece ao docente mais um caminho para compreender as crianças. O docente poderá orientar suas práticas pedagógicas relacionadas às atividades de desenho elaborando propostas de trabalho que incorporem as atividades artísticas, as quais não precisam ser espontâneas das crianças. O desenho infantil deve ser estimulado, não com a intenção de ensinar técnicas para as crianças, mas por ser um importante instrumento de aprendizagem, pois no desenho a criança encontra a oportunidade de se expressar, de expor suas ideias e seus sentimentos, organizando e concretizando seus pensamentos ao mesmo tempo em que lhe dá autoconfiança por está construindo e se expressando livremente.

“As crianças têm ideias próprias, interpretações, representações ou teorias sobre a produção de arte e o fazer artístico, tais construções são edificadas a partir de experiências que tem ao longo de sua vida, tudo isso envolve relações, mediada ou não por educadores e agentes educativos, vivenciando o contato com a produção de arte, com o mundo físico e com seu próprio fazer.” (LOWENFELD e BRITAIN, 1974, p.49).

Outro fator importante é a responsabilidade do docente na construção de um ambiente favorável ao desenvolvimento do desenho infantil. É certo que o prazer encontrado pela criança no desenho deixará de existir se não forem permitidas a exploração de sua função expressiva e a realização de seu potencial criativo. É preciso, portanto repensar as expectativas pré-estabelecidas do desenho da criança, assim como o diálogo que é estabelecido com ela no que diz respeito a sua produção gráfica. Além disso, é preciso

discutir as oportunidades reais para o fazer artísticos desde os primeiros anos da vida escolar.

Portanto cabe ao professor estudar e conhecer as fases do desenho infantil e qual a relação que elas têm com o desenvolvimento cognitivo da criança, para que assim ele possa proporcionar aos alunos aulas que contribuirão tanto para o desenvolvimento artístico quanto para o desenvolvimento cognitivo. Dessa forma é aconselhável, ao professor, que ofereça às crianças o contato com diferentes tipos de desenhos e obras de artes, que elas façam a leitura de suas produções e escutem a de outros e também que sugira a criança desenhar a partir de observações diversas (cenários, objetos, pessoas) para ajudá-la a adquirir informações e enriquecer o seu grafismo. Assim elas poderão reformular suas ideias e construir novos conhecimentos. Enfim, o desenho infantil é um universo cheio de mundos a serem explorados.

## Considerações Finais

A tarefa de escrever sobre o Ensino de Arte tendo enfoque no desenho infantil me possibilitou diferentes questionamentos e alguns desafios. Sei que também as professoras, principalmente, na Educação Infantil, ao assumirem as crianças no início de sua vida escolar, enfrentam desafios e inúmeras dificuldades.

Mas ao pensar nesses desafios e dificuldades, procurei desenvolver o meu trabalho dentro de uma perspectiva que mostra o desenho como uma das atividades educativas mais constantes, prazerosas e significativas realizadas pelas crianças em sala de aula. Assim, a pesquisa realizada buscou destacar o ato de desenhar, como linguagem única e peculiar, presente na constante interação entre ensinar e aprender. Através do desenho, a criança cria e recria individualmente formas expressivas, integrando percepção, imaginação, reflexão e sensibilidade, que podem então ser apropriadas pelas leituras simbólicas de outras crianças e adultos.

Ao desenhar, a criança conta sua história, seus pensamentos, suas fantasias, seus medos, suas alegrias, suas tristezas. No ato de desenhar, a criança age e interage com o meio, seu corpo inteiro se envolve na ação, traduzida em marcas que a mesma produz, se transportando para o desenho, modificando e se modificando. Durante a realização do desenho, a criança brinca, canta, conversa sozinha, desenvolve narrativas, dentre outros; estas ações promovem o desenvolvimento da oralidade, imaginação, criatividade, inventividade e, ainda, propiciam que a criança crie estratégias diante de possíveis imprevistos, faça experimentações, utilize agrupamentos, combinações, construa, reconstrua e ressignifique a matéria. Nesta perspectiva, o desenho se torna um espaço de compreensão do mundo pelas crianças, na medida em que os significados que ali transitam são apropriados por elas de forma específica.

Não podemos esquecer e deixar de evidenciar que o trabalho com arte envolve concepções, aprendizagem, conhecimento, tempos e espaços diferenciados. Trabalhar com arte é dar prosseguimento a algo que se iniciou há muito tempo e que traz em si uma dimensão sempre presente na história da educação. Nessa perspectiva, as experiências, saberes e conhecimentos construídos com o ensino da arte precisam mais do que ser considerados,

devem, sobretudo, servir de parâmetro para as práticas e as intervenções pedagógicas que se pretende construir ao longo de uma vida escolar.

A partir do exposto neste trabalho pode-se concluir que a maioria dos professores obtém certo conhecimento sobre o tema, porém observamos ainda que é necessário , uma maior conscientização no sentido de desmistificar o papel do ensino da arte nas escolas , que não é apenas um mero passatempo, mas sim um objeto de grande valia na aprendizagem e no desenvolvimento das crianças. Sendo assim a escola deve considerar a arte como parceira e utilizá-la amplamente para atuar no desenvolvimento e na aprendizagem da criança através do desenho.



## REFERÊNCIAS

AROEIRA, Maria Luísa Campos. **Projetos para a Educação Infantil: Dimensão**, 2002.

BACHELARD, G. **A Poética do Espaço**. São Paulo: Abril Cultural, 1978.

BAZIN, Germain. **História da história da arte**. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

BRASIL. Leis, etc. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. São Paulo. Editora do Brasil, 1996.

BRASIL, Ministério da educação e Cultura. Secretaria e Ensino Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: artes**. Brasília: MEC, 1997.

BRASIL. Ministério da Educação. **Referencial curricular nacional para a educação infantil**. Brasília: MEC/SEF, 1998.

DERDYK, Edith. **Formas de BRASIL**, Ministério da educação e Cultura. Secretaria e Ensino Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: artes**. Brasília: MEC, 1997.

DERDYK, Edith. **Formas de pensar o desenho: desenvolvimento do grafismo infantil**. 2. ed. São Paulo: Scipione, 1994.

FERRAZ, Maria Heloisa Correa de Toledo, REZENDE, Maria F. de, FUSARI. **Metodologia do Ensino de Artes**: SP: Cortez, 1999.

GOUTHIER, Juliana. **História do Ensino da Arte no Brasil** - In: Curso de Especialização em Ensino de Artes Visuais. Belo Horizonte: Escola de Belas Artes da UFMG, 2008.

LANIER, Vicent. **“Devolvendo a Arte à Arte-Educação”** Arte. São Paulo, 3 – 1984.

LOWENFELD, Viktor, BRITAIN, W.L. **Desenvolvimento da capacidade criadora**. São Paulo: Mestre Jou, 1983.

LUQUET, G.H. **O desenho infantil**. Braga: Minho, 1969.

MORAES, Frederico. **Arte Brasileira: Manifestos e Polêmicas 2**. Rio de Janeiro: Soraia Cals, 2005.

PILLAR, Analice Dutra. **A educação do olhar no ensino das artes**. 2. ed. Porto Alegre: Mediação, 2001.

READ, HEBERT. **Educação Através da Arte**. São Paulo: Martins Fontes, 1971.

WALLON, Henri. **Uma concepção dialética do desenvolvimento infantil**. Isabel Galvão: Ed. Vozes, 1995.